

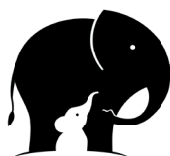


LEGADO  
**ESTHER  
GARDELIN**





# ESTHÉR GARDELIN



**LEGADO**  
HISTÓRIAS DE VIDA

Texto: Valquíria Vita e Ingrid Fochezatto  
Diagramação: João Luís de Oliveira  
Edição e Revisão: Legado - Histórias de Vida  
Fotos: Arquivo pessoal da família  
Ano: 2021

[www.historiasdevida.com.br](http://www.historiasdevida.com.br)

Mãe

Hoje, ao comemorarmos o seu aniversário de 90 anos, queremos, com este livro, eternizar a trajetória da sua vida. Tal qual o significado do seu nome, Stella (Estrela), assim você foi para nossa família: uma fonte de luz e energia sempre a nos guiar.

Como uma estrela que brilha na noite, a estrela é frequentemente considerada o símbolo da verdade, do espírito e da esperança. A estrela representa a luz que guia na escuridão e que nos direciona diante do mistério e do desconhecido.

Mãe querida de nossos corações, queremos lhe dizer quanto amamos, quanto reconhecemos e sentimos gratidão por ter sido, ao mesmo tempo, nosso pai e mãe, por nunca ter reclamado ou exteriorizado sua tristeza e revolta. Pela coragem, fé e determinação em manter nossas famílias unidas, você nos ensinou que força, poder e responsabilidade de uma mãe guerreira não conhecem limites.

Por isso tudo, receba, através dessa homenagem, o amor e a gratidão de seus filhos.

Elsi, Evani, Edani, Maria Joceli, Ivonilse, Denise e Maristela.

Caxias do Sul, 10 de janeiro de 2022.





LEGADO ESTHER GARDELIN

# PARTE I

Acervo:

Jogo de tigelas ganhadas da Avon pelo reconhecimento às metas atingidas;

Santa Rita de Cássia, imagem que ficava no quarto de Celeste e Angelina;

Touca de crochê que Esth er usava aos seis anos de idade para ir ao col gio;

Colcha feita por Angelina;

Bule,  ltima pe a de um conjunto, que ficava na casa dos pais;

Pano do enxoval de Esth er;

Toalhas de rosto do enxoval;

Meia de l  de ovelha, de 1947.







**E**m 30 de abril de 1927, na localidade de São Valentim, Ana Rech, foi celebrado um casamento que deu origem a muitas histórias. Afonso Gardelin e Justina Dall’Alba eram ambos agricultores e professores da pequena localidade do interior de Caxias do Sul. Da união, nasceram cinco filhos: Mário, Edvigés, Maria, Esthér e Vasco.

No verão de 1933, uma fatalidade abalou a família e mudou o rumo de todos. Afonso faleceu. Não se sabe ao certo a causa da morte, mas a mais provável (e a que se conta até hoje) é que tenha sido uma picada de cobra. Na época, não havia o atendimento e o tratamento necessário para que sua vida fosse salva.

O registro de óbito de Afonso foi feito junto com o registro de nascimento do filho mais novo, Vasco, que havia nascido em dezembro, mas ainda não tinha sido registrado. No interior (e nos anos 30) tudo era mais demorado.

Justina, agora viúva, precisou voltar a morar na casa dos pais, que improvisaram no paiol um abrigo para ela e as cinco crianças.

Esthér Gardelin, a quarta filha, tinha apenas um ano e dez meses quando perdeu o pai, e por isso, pouco ou quase nada se lembra dele. A menina havia nascido em 10 de janeiro de 1932 e sido registrada em Santa Bárbara de Ana Rech aos 15 meses de idade. Apenas os irmãos mais velhos, Mário e Edvigés, conheceram o pai

melhor e levaram dele algumas lembranças.

Com a partida repentina do homem da casa, Justina e as crianças se viram em uma situação muito complicada. Não só porque estavam em um espaço improvisado, mas porque não era bem aceito, naquela época, que uma mulher não estivesse casada. Além disso, a família tinha muito medo que a filha passasse necessidade, afinal, tratava-se de uma família italiana, que tinha em si grandes traumas de sobrevivência, desde a imigração ao Brasil, poucos anos antes.

Giovani, pai de Justina, era conhecido por ser um homem muito rígido. Nas poucas fotos de família, aparece sempre muito sério. Preocupado com a situação, tomou uma decisão que, para ele, parecia a melhor. Mas para a filha e netos, na prática, nem tanto. Arranjou um casamento para Justina com um homem mais velho da comunidade, que também era viúvo, chamado José Bolson, o “Bépi”. Sua esposa havia morrido jovem, aos 37 anos.

Bépi, porém, já tinha seus oito filhos. Somando com os cinco de Justina, resultavam 13. E 13 crianças eram demais para uma casa só. Foi decidido que os oito filhos de Bépi seriam criados pelo casal e os quatro filhos mais velhos de Justina iriam morar em outros lugares (alguns foram viver com parentes e um foi para o seminário).

Não se tem registros de como Justina enfrentou a separação dos filhos, mas imagina-se que deva ter sido com grande sofrimento. Sofrimento em silêncio, no entanto, já que as mulheres não tinham outra opção,

senão obedecer pais e maridos. Ela ficou apenas com Vasco, que ainda era muito bebê para separar-se da mãe, e com os oito enteados.

Por decisão de Giovanni, Esthér foi levada para longe de Caxias (ele dizia que ela era “doentinha” e não se dava bem com o clima da cidade). Quem a levou foi a irmã da mãe, tia Hermínia. A viagem até Serra do Meio, 3º distrito de Vacaria, foi feita a cavalo. Hermínia levou a menina no colo durante todo o trajeto que demorou mais de um dia para ser feito (e incluiu atravessar até o Rio das Antas). Ela levou Esthér para morar com o irmão dela e de Justina, chamado Celeste. Hermínia era tão apegada à menina que a entregou a Celeste chorando.

Celeste era casado com Angelina Zago e os dois não tinham filhos, o que acabou sendo uma sorte na vida de Esthér, que apesar de tão jovem, já tinha perdido o pai e se separado da mãe. A menina foi recebida e criada como uma filha por eles. De Celeste e Angelina, ela recebeu tanto amor e carinho, que acostumou-se a chamá-los de “papai” e “mamãe”.

“Eles eram muito bons para mim,” diz Esthér hoje, quase 90 anos depois.



Em novembro de 1936, Justina e Bépi se casaram e foram morar na nova casa, no interior de Fazenda Souza. Justina, eventualmente, tinha algum contato com os outros filhos, (que foram levados a locais mais próximos), mas nunca via Esthér, que estava em Vacaria. Antes do casamento, a mãe decidiu reunir os cinco filhos para uma fotografia no Studio Geremia, em Caxias do Sul. E para esse dia, costurou à mão as roupinhas que todos aparecem nas fotos. Por algumas horas, a família se reuniu. Justina fez questão também de fazer uma foto apenas com Esthér, a filha de quem mais sentia saudades. Sabia que todos os filhos, incluindo Esthér, estavam bem encaminhados, mas a tristeza da separação a acompanhou por toda a vida.

Depois do casamento, ela e Bépi tiveram mais seis filhos: João, Hermínia, Leonardo, Claudino, Luiz e Otávio.

Enquanto isso, a menina Esthér crescia ao lado dos tios. Aos seis anos de idade iniciou seus estudos no Grupo Escolar de São Manoel. Aos oito, ainda em Serra do Meio, fez a 1ª eucaristia na Igreja São Rafael.

A família se mudou para Fazenda da Roseira e foi nessa época que Esthér ganhou um grande presente: uma "irmã". Hermínia, aquela tia que a havia levado de cavalo até Vacaria, ficou muito doente, e pediu ao irmão, Celeste, para cuidar de sua filha, Sabrina (conhecida como "Nena"). Hermínia faleceu devido a essa enfermidade, alguns anos depois.

Esthér e Sabrina foram criadas como irmãs e moraram juntas até a adolescência. Separaram-se apenas por um

breve período, em que Esthér voltou a Vacaria, aos 12 anos, para estudar no Colégio das Irmãs de São José, quando ficou hospedada na casa de um amigo de Celeste.

Durante a época de colégio, Esthér foi uma aluna aplicada, que se destacava na matemática. No São José, chegou a pular o terceiro ano, pois as freiras a acharam muito avançada para a turma. “Quando eu terminei o colégio, eu lembro que fui buscar os boletins e a madre superior chamou o meu nome em primeiro lugar! Eu era muito dedicada, fazia meus temas direitinho, não perdia nenhuma aula. Estudei até o quarto ano, quando o meu pai achou que não precisava mais continuar. Naquela época era assim. Eles decidiam e a gente só obedecia,” conta Esthér.



Família de Cândida Zauppa Dall'Alba e Giovani Dall'Alba no casamento de Angelina e Celeste.





Acima: Celeste e Angelina, que criaram Esthér.

Abaixo: Celeste e a irmã, Justina, mãe de Esthér. Pai biológico, Afonso Gardelin.



Acima: Esth er na 1  Eucaristia.

Abaixo: Casa no interior de Fazenda Souza, onde Justina foi morar com B epi.



Justina e Esther no reencontro da família: Esther tinha 5 anos.





Os 5 filhos e a mãe, antes do segundo casamento dela.

Em casa, Esthér ficou muito boa nos trabalhos manuais. Angelina ensinou a ela e a Sabrina como fazer crochê, costuras, bordados em ponto cruz (talentos que Esthér colocou em prática na confecção de seu próprio enxoval).

O enxoval começou a ser feito quando ela se apaixonou por Darcy Américo Rodrigues, aos 16 anos de idade. Nessa época, Esthér e a família estavam morando em Capão Grande. Ela e Darcy eram “vizinhos de capela”, como chamavam naquele tempo. Tiveram um rápido namoro, que durou um ano, quando se encontravam uma vez por semana na casa dela, sob a supervisão de Celeste, que era muito rígido.

Casaram-se jovens, na Igreja Nossa Senhora de Oliveira, em Vacaria, em 1948. Ela com 16, ele com 19. Após a missa, fizeram uma celebração muito simples para as famílias.

Com o casamento, Esthér assumiu o sobrenome do marido, Rodrigues. E como era comum naquele tempo, o jovem casal foi morar com os pais de Esthér, onde ficaram por cinco anos.

Esthér, desde cedo, gostou de cozinhar, e foi no interior que experimentou e aprendeu a fazer cuscuz (tradição do campo). Até hoje, ela é famosa na família por ele. Com a sogra, Emília, conheceu as panquecas e o pão de milho (receita que aprendeu observando, pois Emília não dava os ingredientes de suas criações para ninguém).

Esthér logo engravidou, e a primeira filha, Elsi Terezinha, veio ao mundo em junho de 1949. Em fevereiro do ano seguinte, um menino, Evani. Em setembro de 1951, mais um, em São Valentim, Edani. A família estava em São Valentim porque em 1950, a mãe de Celeste, Cândida, faleceu, e o irmão dele o chamou para retornar à casa paterna. Celeste levou Esthér e sua família junto, e eles ficaram por lá até que ele decidiu montar uma serraria com cinco sócios em Governador 2º Distrito de Bom Jesus.

Esthér e Darcy estavam com três filhos (e ela grávida do quarto), quando eles se mudaram para lá. Em Bom Jesus, Esthér cuidava dos filhos, da casa e dos animais (galinhas e vacas) que eles tinham.

Esthér estava na serraria quando começou a sentir as dores do parto. Já as conhecia bem. Não era seu primeiro filho (nem segundo, nem terceiro...) então, ela sabia que estava na hora. Queria ir a Vacaria, mas Darcy achou que dava para esperar até o dia seguinte. Esthér passou a noite toda com dor, sem poder dormir, e de manhã, um dos sócios, de sobrenome Baldasso, emprestou o seu carro, o único disponível, para levá-la ao hospital em Vacaria. O bebê não pode esperar: nasceu no carro, com a ajuda de Baldasso. Era novembro de 1952. Maria Joceli, a bebê da época, protagonizou uma história que até hoje é conhecida na família como "a história da filha que nasceu no carro".

O casal e os filhos moraram por mais um ano na

serraria, até que Darcy foi chamado para cuidar da casa de seus pais, em Capão Grande, pois eles iriam sair do interior e se mudar para Vacaria. Chegava a hora de Esthér e os pais adotivos, Celeste e Angelina, se despedirem. E eles ficaram tão tristes com a notícia que pediram para Esthér deixar a filha mais velha, Elsi, morando com eles. Estavam muito acostumados com as crianças e eram padrinhos de batismo da menina. Esthér nunca teve em seus planos fazer algo como a mãe precisou fazer, separar os filhos, mas acabou aceitando, porque tinha a certeza de que a filha seria tão cuidada e amada quanto ela havia sido.

Na casa velha dos sogros, Esthér contava com a ajuda do Nego Mário para administrar uma casa tão grande e seus afazeres, em uma época em que os maridos não faziam nenhum serviço doméstico. Todos os dias, ela caminhava 200 metros para lavar roupa no rio (não havia água encanada) e levava as crianças junto com ela. Ensaboavam as roupas e ficavam por lá, esperando até a hora de torcer e trazer para estendê-las em casa.

Apesar de quase toda a criação dos filhos ter ficado por conta de Esthér, Darcy foi um pai muito querido para as crianças. Chamava-os de "filhinhos". E também era um marido gentil com Esthér: o casal se dava muito bem. E desse amor, em agosto de 1955, nasceu mais uma filha, Ivonilse, em casa, com a ajuda de uma parteira.

Darcy construiu uma nova casa na vila de Capão Grande, onde começaram a administrar a Casa Brasil, que vendia de tudo um pouco e tinha até propaganda na

Rádio Esmeralda de Vacaria. Darcy assumiu o negócio, mas Esthér ajudou trabalhando também. Como o mercado era junto com a casa, os meninos, Evani e Edani, divertiam-se tomando refrigerantes Marabá e depois enchendo as garrafinhas com água, ou então pegando balas, escondidos, para levar para as meninas da escola.

Em meio às traquinagens, as crianças foram crescendo. Com alguns sustos aos pais. Nas férias da escola, a filha Elsi, que havia ficado sob os cuidados dos avós, vinha visitar a família. E numa dessas brincadeiras, as meninas decidiram “dar comidinha” para a mais nova, Ivonilse, na época bebê, que estava chorando. Acabaram sufocando a menina com pedacinhos de maçã. Por sorte, Esthér logo viu o que estava acontecendo e salvou a menina. Agilidade da mãe, mas talvez também um pouco de proteção divina, já que a família era muito religiosa. Todas as crianças fizeram catequese na comunidade e Esthér foi catequista.

Ela era muito querida na vila de Capão Grande e gostava de receber e hospedar em sua casa os padres que vinham à cidade para fazer batizados, casamentos e outras cerimônias. Para os padres, ela sempre preparava o melhor quarto da casa (passava a ferro duas vezes os lençóis que os padres dormiriam) e se esmerava na cozinha, junto com dona Maria, que a ajudava com os serviços domésticos. Era uma frequentadora assídua das missas, e na capela, também acabou aprendendo a aplicar injeções. O que fazia sempre que alguém da comunidade necessitava.



Em fevereiro de 1960, ela teve mais uma filha, Denise. Após o quinto parto, Esthér ficou muito enfraquecida, e precisou ficar 15 dias na casa dos pais adotivos, Celeste e Angelina, em Vacaria, cidade onde teve a criança, para se fortalecer, antes de voltar a Capão Grande. A ligação com os pais que a acolheram continuou forte durante toda a sua vida.

Um ano depois, em junho de 1961, Esthér voltou a Vacaria para dar à luz à menina Maristela, na casa dos pais. Nessa estadia, levou Denise, na época com um ano e três meses. Ao ver uma nova bebê na caminha, Denise ficou com ciúmes e jogou nela um pau de lenha que encontrou na cozinha. Por sorte, nada aconteceu. Mas a vida com sete filhos era sempre uma emoção diferente. Algumas mais assustadoras que outras.

A mais grave talvez tenha sido com o filho Evani. Esthér e Darcy estavam em uma das viagens a Vacaria para fazer compras para a Casa Brasil e para visitar os parentes. O menino, na época com 11 anos, junto com um amigo, decidiu colocar pólvora dentro de uma espingarda (arma que existia na casa para caçar no mato, mas que estava estragada). A pólvora explodiu no rosto de Evani e dona Maria o socorreu. Com o rosto ensanguentado, ele foi levado às pressas ao hospital, onde ficou internado durante uma semana. Ele se recuperou: mais uma vez, a proteção divina acompanhou a família.

Não seria o último susto aos pais, no entanto. Darcy decidiu mudar-se com a família para Vacaria, para que as

crianças tivessem mais chances de continuar os estudos. Enquanto organizava a mudança e vendia a Casa Brasil, comprou um caminhão e passou a fazer muitas viagens a trabalho.

Na véspera da mudança para Vacaria, a filha Maria Joceli também sofreu um acidente. As meninas haviam passado o dia brincando na grama, e Joceli ficou com muita coceira naquela noite. Passou álcool no corpo para aliviar a coceira e pediu à irmã Ivonilse que olhasse como estava. Com uma vela, a irmã se aproximou da menina para poder enxergar, mas as chamas em contato com o álcool acabaram fazendo com que ela pegasse fogo. Ivonilse, apavorada, pegou as irmãs menores, Denise e Maristela, e foi para o andar de baixo correndo e gritando: “Capeta!”

Esther, que sabia que aquilo não era obra do capeta, mas sim, mais um dos sustos que os filhos lhe deram, cuidou dos curativos de Joceli durante semanas. O trabalho (e a preocupação) de uma mãe nunca terminava.



Esther aos 16 anos de idade e com o noivo, Darcy.



Acima: Casamento de Esthér e Darcy. Ao lado a primeira filha, Elsi.  
Abaixo: Família do noivo Darcy.



Acima: A filha, Maria Joceli, quando bebê, e Elsi na 1ª Eucaristia.  
Abaixo: casamento do irmão de Esthér, Vasco.





Acima: Elsi na escola.

Abaixo: Ivonilse aos 5 anos e Maria Joceli na 1ª Eucaristia.



Acima: 1ª Eucaristia de Ivonilse e Denise com 1 ano de idade.  
Abaixo: Esthér, como catequista, com o Padre Artemio.



Denise aos 3 anos de idade e Maristela com 1 ano de idade.



LEGADO ESTHER GARDELIN

# PARTE II

Acervo:

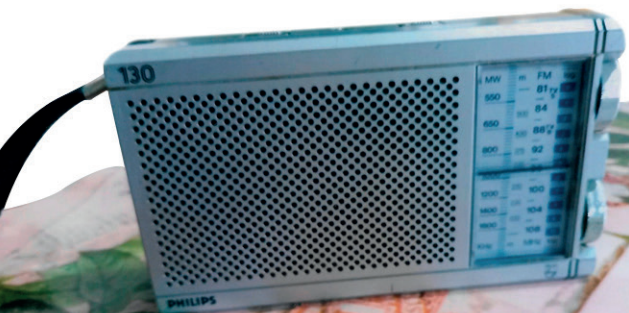
Relógio suíço de bolso, de 1925, que pertencia a Celeste Dall'Alba;

Rádio a pilha, companheiro de Esthér;

Relógio de parede que pertencia ao casal Gomercindo e Emília;

Bandeja de madeira com entalhe com desenhos dos pinheiros plantados em São Valentim pelos reflorestadores da família Dall'Alba;

Roupinhas de crochê de bonecas feitas por Esthér.





A mudança foi mantida e a família se estabeleceu primeiramente na rua XV de Novembro, em seguida, passando para a rua Inácia Vieira, onde o casamento, desgastado pelas inúmeras viagens de caminhão de Darcy e muitos outros fatores, terminou após 17 anos. Com a nevasca que assolou Vacaria em 1965, Esthér ficou sozinha com os filhos, aos 32 anos de idade.

Não existia a obrigação de pagamento de pensão para os filhos, como existe hoje. Então a parte financeira teve que ficar totalmente sob responsabilidade de Esthér, que se viu, além de sem marido, sem casa. Isso porque, sem saber, Esthér assinou para Darcy, em quem ainda confiava, os papéis da venda da casa própria da família quando ele foi embora. Só descobriu que se tratavam de papéis de venda quando apareceram os credores e ela e os filhos tiveram que sair de lá.

Repetindo a sina de sua mãe quando ficou viúva (mas com um tipo de luto diferente, pois ninguém ali havia morrido de fato), Esthér teve que voltar a morar com os pais. Levou os filhos para a casa de Celeste e Justina, onde alguns móveis tiveram que ficar empilhados na varanda, pois não havia espaço suficiente. Os filhos mais velhos sofreram mais com a partida do pai. Os mais novos não entendiam bem o que estava acontecendo e até se divertiam brincando nos móveis empilhados no lado de fora da casa.

Esthér, até hoje, não se queixa dessa época. E se sofreu, sofreu em silêncio para não preocupar os filhos.

Mas a filha Denise conta que lembra da mãe chorando na missa de Natal. Foram vários Natais difíceis, onde tudo o que tinham eram uns aos outros. “Não se sabe de onde ela tirou coragem,” conta Denise.

Liderados por Esthér, a família iniciou ali mais um ciclo. De trabalho, determinação e fé. Pois a única opção era seguir em frente.

Mas assim como a mãe, ela também precisou tomar decisões muito difíceis neste período. Provisoriamente, encaminhou os filhos para outros lares até que tivesse condições de ter uma casa novamente, onde pudesse sustentar a todos. Edani e Evani ficaram na casa dos avós paternos, Gomercindo e Emília. Maria Joceli viajou para Sananduva, onde a irmã de Celeste, que era freira, a abrigou no hospital onde morava. Ivonilse aceitou ser acompanhante de uma viúva, mãe do prefeito da cidade. Apenas as mais novas, Denise e Maristela, ficaram morando com a mãe e avós maternos na casa.

Esthér, que abandonou o sobrenome do marido e voltou a ser apenas Esthér Gardelin, precisou encontrar forças para superar as separações e conseguir trabalho fora de casa. E conseguiu uma função em uma loja de tecidos de Vacaria, a Antonio Dorigatti e Cia, que ficava ao lado da casa dos ex-sogros (com quem ela manteve amizade, mesmo após a partida de Darcy). Ali, logo se destacou como uma boa funcionária. Com a estabilidade financeira do novo emprego, conseguiu alugar uma casa, ao lado da casa de Celeste e Angelina, e reunir os filhos.

A alegria voltou para a família!

A mãe conseguiu até comprar uma televisão para a família, algo raro naquele tempo, e que despertou a curiosidade dos vizinhos. Alguns até paravam na janela da casa deles para assistir.

Apesar de algumas conquistas, como a TV, foram muitos períodos de dificuldades financeiras. Mesmo empregada, era desafiador conseguir manter sozinha uma família. Esthér frequentemente fazia horas extras na loja. Era muito elogiada pelos chefes pela dedicação e inteligência, e eles davam a ela várias atribuições de confiança. Além do dinheiro pelo trabalho extra, também ganhava muitos retalhos de tecido (os chefes sabiam que ela tinha uma situação difícil em casa). Com eles, costurava em casa as roupas e pijamas para os filhos. Economia doméstica!

Com o passar dos anos, conseguiu também encaminhar os filhos, um a um, conforme foram tendo idade suficiente para trabalhar, para os seus respectivos empregos.

Em 1969, Esthér recebeu a visita do irmão, Mário, em Vacaria (apesar de terem sido separados na infância, os irmãos tiveram o contato na vida adulta) e ele se ofereceu para ajudá-la a comprar um óculos. Após uma visita ao oftalmologista em Caxias, Esthér mandou fazer o seu primeiro óculos, e com ele, passou a render ainda mais no trabalho. Na loja de tecidos, fazia toda a contabilidade sem calculadora. Ainda possuía a

facilidade (desde a escola) em matemática. Em Caxias, além de Mário, todos os outros irmãos (que acabaram se reencontrando e retomando contato com o tempo) ajudaram Esthér de alguma forma. Vasco arrumou emprego para um dos filhos; João fez muitas de suas mudanças com seu caminhãozinho (ao longo da vida, Esthér mudou-se de casa 22 vezes); Hermínia e Maria, de quem era mais próxima, estiveram sempre disponíveis. Com Maria, fazia a Romária de Caravaggio todos os anos, ia bailes nos Capuchinhos e viagens.

Como mãe solteira, o dia era cheio. Entre cuidar da casa, dos filhos trabalhar de dia e costurar à noite, não sobrava tempo para nada. Então não houve tempo (nem interesse) em ter outros relacionamentos. Depois do divórcio, Esthér nunca mais quis se casar. Um segundo casamento, religiosa como sempre foi, também não era algo que ela acreditava. E, para a sorte dela, os tempos haviam mudado, então não haviam mais casamentos arranjados como houve com a mãe.

Um ano depois, incentivada também por Mário, Esthér decidiu se mudar com os filhos para Caxias do Sul. Pediu demissão do trabalho na loja e deixou em seu lugar a filha mais velha, Elsi, que já havia concluído o Ginásio. Em Caxias, a esperança era de que os outros filhos tivessem mais oportunidades de trabalho e estudo. O que aconteceu!

A família foi morar em uma casa na Rua Sinimbu, no bairro de Lourdes, e na nova cidade, a vida deu uma

acelerada para todos. Os filhos estavam quase todos empregados e Esthér foi se habituando à vida na nova localidade, de onde nunca mais se mudou. Em Caxias, logo fez amizade com a vizinha de porta, Cacilda Zago, que era viúva. Uma de suas amigas mais antigas é Inês Pauletti, que conheceu na igreja do Santo Sepulcro, e com quem participou de muitos eventos religiosos, além de viagens para a praia.

Esthér ocupava-se cuidando da horta que tinha em casa, com a ajuda das filhas mais novas, as únicas que ainda tinham tempo disponível. Os demais, trabalhavam de dia e estudavam à noite. No início, havia apenas um fogão à lenha na casa. Mas logo que Esthér voltou a trabalhar fora (conseguiu um trabalho na fábrica de jóias B. Berto) e comprou um fogão a gás para facilitar o preparo da comida. Mais tarde, Esthér começou a vender produtos da Avon para complementar a renda, incentivada pela irmã, Hermínia. Trabalhando com a marca fez diversas amizades, incluindo com as clientes, a quem visitava em casa para fazer as vendas. Nessa época, Esthér colaborava com a Paróquia Nossa Senhora de Lourdes, fazia cobrança do dízimo, era zeladora do Apostolado da Oração e pertencia à Ordem Franciscana Secular.

Darcy, eventualmente, visitava os filhos e levava alguns presentes. E apesar da separação, Esthér nunca falou mal dele para ninguém, especialmente para os filhos, com quem fez questão que ele mantivesse o

contato. Afinal, eles não eram mais marido e mulher. Mas ele seria para sempre o pai daqueles sete. Quando os filhos diziam que queriam visitá-lo em Porto Alegre, onde foi morar, ela dizia, com sinceridade “vai e manda um abraço”. Quando ele faleceu, em 2013, ela foi ao enterro.

Morando em Caxias, aos domingos, Esthér e as meninas iam até o Burgo, levar comida na casa de dois cômodos da irmã do pai de Darcy, Angelina. “Traz umas batatinhas”, ela dizia para Esthér, que fazia questão de ajudar. Esthér tinha pouco, mas tinha um coração grande. Então, sempre estendeu a mão quem tinha menos ainda. Nunca foi indiferente aos problemas dos outros. Bondade e humildade foram os ensinamentos, entre tantos outros, que mais marcaram os filhos. “Você é meu anjo”, dizia Angelina para Esthér, quando ela chegava com as doações.





Acima: Ivonilse na Escola Normal São José e Edani com 13 anos.  
Abaixo: A carteira profissional de Esther.



Acima: Uma das casas em que a família morou. Os vizinhos assistiam à TV pela janela. Abaixo: Edani com o uniforme de cobrador de ônibus e Esthé com os primeiros óculos.



Denise e Maristela na 1º Eucaristia.



Celeste e Angelina em 1970. À direita, nas Bodas de Ouro do casal. Esthér manteve contato com eles durante toda vida.

O universo recompensou Esthér por todos os desafios que enfrentou durante a vida. Não que ela tenha ficado mais fácil, mas pouco a pouco, as coisas foram se ajeitando. Os filhos foram se casando e indo para suas próprias casas e famílias. A filha, Ivonilse, continuou morando com Esthér, e elas vivem juntas (e se dão muito bem) até hoje.

Além de sete filhos muito companheiros, que sempre souberam reconhecer e valorizar a trajetória da mãe que fez tudo por eles, a vida presenteou Esthér com 14 netos:

Roberta (1975)  
Adinan (1976) In memoriam  
Fernanda (1980)  
Rochelle (1980) In memoriam  
Marcos Vinícius (1981)  
Alexandre (1981)  
Emanuel (1982)  
Marcelo (1984)  
Ismael (1985)  
Carine (1988)  
Renan Eduardo (1996)  
Guilherme (1996)  
Gabriel (1996)  
Gustavo (2002)



Mais tarde, nasceram seis bisnetos (até o ano de 2021 eram seis, mas essa lista deve aumentar porque em fevereiro de 2022 está previsto o nascimento de Caetano):

Luisa (2009)

Marcela (2011)

Pedro (2014)

Alonso (2018)

Vicente (2018)

Aurora (2019).

O mesmo carinho que dedicou aos filhos (foi eleita “Mãe do Ano” em 1990, no Clube de Mães da igreja Santos Anjos), Esthér esbanjou aos netos e seguiu com os bisnetos. Hoje, com a tecnologia, adora pedir às filhas se há fotos e vídeos novos dos pequenos no celular para que ela possa ver. “E ela é muito carinhosa com todos eles. É a coisa mais linda de ver,” diz a filha, Denise.

A família coleciona bons momentos (e muitas fotos) dos encontros — em Caxias, em outras cidades e muitos na praia. Alguns deles estão nas próximas páginas deste livro. Reunir a família sempre foi uma alegria para Esthér. E nas suas orações sempre tem a família nos pedidos principais. Os que estão aqui e os que já partiram: Esthér perdeu os pais (biológicos e adotivos), os irmãos e também dois netos, Rochelle e Adinan. Todos seguem em seus pensamentos.

Assim como o terço, que está sempre embaixo do

travesseiro, a fé em Deus acompanhou Esthér nestes 90 anos de vida. Especialmente em um dos momentos mais desafiadores, em 2010, quando ela descobriu que estava com câncer. Um carcinoma no mediastino do tamanho de uma laranja. Esthér precisou passar por mais de 40 sessões de quimioterapia e aguentou todo o tratamento sem chorar nenhuma vez, nem precisar do apoio psicológico oferecido na clínica onde fazia o tratamento. "Uma vez eu chorava mais," ela diz. "Depois de uma idade, eu nunca mais chorei."

A medicina ajudou a salvá-la, mas a família atribuiu a sua recuperação a um milagre. O mediastino (o espaço entre os pulmões) é um local difícil de ser tratado, e no diagnóstico, os filhos perguntaram ao médico quanto tempo de vida a mãe teria. "Dois meses, seis meses, um ano. Depende de como ela vai reagir ao tratamento," ele respondeu. Quando um dos filhos começou a chorar, a mãe disse: "Não chora que eu vou sair dessa, sei que vou ir para casa". No período do hospital (e de muita oração), Elsi, Ivonilse e Maria Joceli entraram no quarto e sentiram um intenso perfume de jasmim. Rezaram ali o terço para Nossa Senhora de Lourdes.

Esthér se curou do câncer. Quando a mãe completou 80 anos, foi celebrada uma missa especial para agradecer a recuperação. Ivonilse entrou na igreja com a santa de Lourdes para quem ela e as irmãs tinham orado. De lá para cá já se passaram 11 anos na vida de Esthér. Havia ainda muito a ser feito e a ser visto.

Esthér sempre gostou muito de passear, conversar com pessoas e conhecer novos lugares. Ficar parada nunca foi de seu feitio. Por mais simples ou sofisticado que fosse um evento, longe ou perto de casa, nunca o recusava. E sua companhia agradável sempre foi apreciada. A querida moça que nos seus 30 anos era muito bem-quista em Capão Grande, seguiu sendo muito querida por todos em Caxias, cidade em que se instalou e nunca mais quis sair. Apenas para viagens com as filhas, irmãs e amigas: entre outros locais, visitou o Rio de Janeiro, Foz do Iguaçu, Rio Quente, São Paulo, Campo Grande, Florianópolis e Brasília.

Também sempre apreciou shows e festas: teve a chance de ver Roberto Carlos, Luciano Pavarotti e José Carreras, e de frequentar bailes no Fogo de Chão e no Clube Avenida. Depois do tratamento do câncer, aos 80, precisou colocar próteses nos quadris, quando substituiu as viagens mais longas por passeios curtos e os bailes por programas mais tranquilos com a família. Os jogos de canastra nunca pararam e até hoje estão na programação dominical com as filhas.

O crochê, hábito aprendido com Angelina na pré-adolescência, faz companhia a ela até hoje. Esthér ainda faz muitos trabalhos manuais e todas as mulheres da família (filhas, noras, netas e bisnetas) têm alguma peça confeccionada carinhosamente por ela.

Cozinhar continua sendo uma de suas paixões. Sua comida saborosa é lembrada por todos que frequentam



sua mesa (onde, aliás, Esthér jamais, em nenhuma ocasião, dispensou o uso de uma toalha). Ivonilse, que hoje mora com a mãe, aprendeu todas as receitas para passá-las adiante.

O legado de Esthér, a família sabe, vai muito além das inúmeras peças de crochê e das deliciosas receitas. A sua existência (e o fato de não ter desistido, independentemente das adversidades) originou uma longa lista de filhos, netos, bisnetos.

Esthér completa 90 anos em janeiro de 2022 com a saúde em dia, mente ativa, memória boa. Com a certeza de que sempre trilhou o caminho do bem, com Deus ao seu lado. Fez uma promessa recente de que, enquanto estiver viva, vai rezar o terço todos os dias.

Rumo aos 100 anos de idade com um sorrisinho tranquilo e bondoso que oferece a todos. “Fazer o bem sem olhar a quem”. Segredo de uma vida longa!



Acima: Esth er casando sua filha Elsi.  
Abaixo: Anivers rio de 15 anos de Denise.



Casamento de Evani. Ao lado, Esthér em foto no Tomazzoni.



Acima: Primeira neta de Esthér, Roberta. Esthér em 1977.  
Abaixo: Celeste e Esthér em um banho de mar com Evani.





Acima: Casamento de Maria Joceli.  
Abaixo: Esthér e os 4 irmãos em 1979.



Encontro da família nos anos 80.



Na comemoração de 55 anos de Esthér.





Acima: Celebrando o aniversário com os filhos.  
Abaixo: Com a família em Itapema.



Acima: Casamento de Denise. Esther é eleita Mãe do Ano.  
Abaixo: No Casamento de Maristela.



Acima: Encontro com os irmãos de Esthér.  
Abaixo: Casamento do filho Edani.

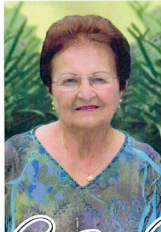




Acima: Nos 50 anos de Maria Joceli.  
Abaixo: Casamento do neto Ismael.



Acima: Casamento da neta Carine.  
Abaixo: Esthér completando 79 anos.



*Esther Gardelin*  
*80 Anos*

## *Convite*

Esther Gardelin tem a alegria de convidar para a comemoração de seu aniversário de 80 Anos a realizar-se no dia 8 de Janeiro de 2012, Domingo, com missa na Igreja de Santos Anjos às 11 horas e recepção no Restaurante Cantina Don Piero às 12 horas  
(indenheiro não vem)



Convite para a comemoração dos 80; A filha Ivonilse levando a Santa; Esth er e os filhos.





Elsi e familia; Maristela e familia; Edani e familia.





Maria Joceli e familia; Denise e familia; Evani e familia.



Acima: Esth er com os filhos em 2017, quando retornaram   casa de Cap o Grande.  
Abaixo: Com os netos celebrando 84 anos.





Com os filhos, em dois momentos de celebração.



Acima: Com as netas Fernanda e Roberta.  
Abaixo: A família reunida em um aniversário.





## “Logo vou poder abraçar meus netos e bisnetos”

ALINE ECKER  
aline.ecke@pioneiro.com

Esperança. É assim que Esther Gardelin define a vacina contra a covid-19. Moradora do bairro Bela Vista, em Caxias do Sul, a idosa recebeu a aplicação da primeira dose em 9 de fevereiro, e da segunda em 8 de março. Aos 89 anos, mãe de sete filhos, avó de 12 netos e bisavó de seis bisnetos, Dona Esther garante que a vacina é a alternativa para sair da pandemia:

— Esse é o caminho para vencermos a pandemia. Não tive reação nenhuma. Fiquei muito bem depois da primeira e também da segunda dose. As pessoas têm que fazer.

Católica, Esther afirma que a fé a mantém forte. E, apesar de imunizada, dona Esther sabe que ainda é preciso manter os cuidados que se tornaram parte do novo normal.

— Sei que tudo vai passar. Sou forte, e rezo todos os dias para que termine essa pandemia. Ainda evito sair de casa. Quando preciso ir a algum lugar sempre uso máscara e higienizo as mãos. Temos que nos cuidar



Aos 89 anos, Esther Gardelin recebeu as doses nos dias 9 de fevereiro e 8 de março

bastante. Estou esperando que logo, logo vou poder abraçar meus netos e bisnetos — emociona-se a irmã do historiador Mário Gardelin, figura conhecida em Caxias do Sul, que morreu em 2019.

Uma das filhas de Esther, a

apostada Ivonilse de Lourdes Gardelin Rodrigues, 65, conta que a mãe sempre tem uma fé inabalável:

— Há 10 anos ela teve câncer e ficou entre a vida e a morte. Quando um dos meus irmãos chorou no hospital, ela disse:

“não chora porque eu vou sair dessa, eu vou para casa”. E ela melhorou. A mãe tem muita fé, e reza com convicção desde o dia que começou a pandemia. Ela fez uma promessa que enquanto tiver vida ela vai rezar o terço todos os dias.

Acima: Preparando nhoque de moranga, um de seus pratos.  
Abaixo: Em reportagem do Jornal Pioneiro durante a pandemia.



Seus hobbies: cozinhar (é famosa pelo cuscuz) e jogar canastra.





Em uma de suas viagens ao Rio de Janeiro.



Acima: Em Nossa Senhora de Aparecida; Nas Missões com a filha Denise; Em Iraí.  
Abaixo: Com a filha Maristela; Em Brasília.



Com os bisnetos: Luísa, Alonso, Marcela e Pedro.





Com os bisnetos: Vicente e Aurora.

## Doques de Moranga

Cozinhar meia moranga cortada em pedaços.

Depois de cozida tirar a casca amassar com um garfo.

Misturar a massa de moranga acrescentar três ovos inteiros, colocar meia colher de sal.

Acrescentar duas xícaras de farinha de trigo.

Cozinhar com bastante água quente.

Colocar sal na água.

Cozinhar por 20 minutos.

## Cuscuz de Milho

3 xícaras de farinha de milho

$\frac{3}{4}$  de xícara de água fria

1 colher chá de sal

Misturar a farinha de milho com o sal. Pegue com a água aos poucos mexendo com uma colher.

A farinha deve ficar úmida, como uma areia molhada

Cozinhar numa cuscuzeira por 15 minutos

Receitas que estão sendo passadas às próximas gerações.

## Pão de milho Dona Esther.

1ª parte

2 xícaras de farinha de milho  
Escaldar com água morna meia quente.  
1 colher de sopa de sal.  
4 colheres de sopa de açúcar.  
2 colheres de (sopa - cheias) de margarina.  
Misturar tudo com as mãos para não enrolar.

2ª Parte

Fermento de uma caneca com água morna metade. colocar 2 colheres sopas cheias de fermento biológico de pão e duas de açúcar.  
Mexer e deixar crescer por cinco minutos.

3ª Parte.

Colocar 3 xícaras e meia de farinha de trigo na massa principal acrescentar a mistura do fermento. Misturar com as mãos até a massa ficar bem bolinhas.

Deixa as bolinhas crescer até a massa dobrar de volume.

Assar em forno quente por 95 minutos.

Esther Gardlin

20-10-2020